

DIA DA CONSTITUINTE

***Dedicada a minha grande (+alta que eu) e uma entre as melhores amigas de todas:
ZÉLIA***

Estava meio atordoado pela fome, ouvia estranhos barulhos e círculos coloridos dançavam à sua frente.

Comeu um pouco da terra que estava aos seus pés e os efeitos alucinógenos causados pela falta de comida sumiram temporariamente.

Até quando iria continuar assim?

Rezava todas as manhãs e noites à espera dos favores de DEUS.

Aparentemente ELE deveria estar muito ocupado, preocupado com grandes e mais importantes problemas.

Acima de sua cabeça, ouviu um zumbido diferente.

Olhou para o alto e viu o que lhe parecia ser um gigantesco inseto cortando os céus fazendo um barulho mais forte que o de um motor de carro.

Na verdade, o que ele não sabia, é que aquela era uma máquina voadora, um helicóptero.

Resolveu seguir a direção para onde ia o que lhe parecia ser um bicho gigante.

Quem sabe, por lá houvesse alguma comida.

Colocou o saco velho de estopa nas costas e começou a caminhar.

Conforme andava, notou que as ruas iam ficando mais movimentadas.

Carros de todos os tipos entupiam o trânsito.

Começou também a aumentar o número de pessoas.

Tinha gente ali de tudo quanto era tipo.

Parecia uma grande festa...

Mas, onde estaria o bolo? E a comida?

Um carro preto enorme parou ao seu lado, resolveu pedir uma esmola, para o dono dele.

Pôs as mãos no vidro do automóvel deixando ali as marcas da sua palma e de seus dedos sujos e enebados. Então, repetiu pela milésima vez naquele dia uma conhecida frase:

-Me dá uma esmola?

A porta da frente do carro se abriu e um homem de terno preto e óculos escuro saiu bastante nervoso:

-Tire estas mãos imundas da Mercedes do meu patrão, seu fedelho maldito!

O pobre garoto não teve tempo de sequer esboçar qualquer reação e já saiu apanhando.

Levou logo um tapão na cara.

Do banco de trás do carro, uma voz soou alta e forte:

-Tobias! Não esquenta com este pivete! Temos de chegar logo para a Constituinte.

O tal Tobias voltou todo carrancudo para o carro e fechou as portas.

Logo, o automóvel saiu até cantando pneus.

Avançou até contra a multidão que se avolumava à sua frente.

Parecia que, lá dentro ia o dono do mundo.

O garoto esqueceu a dor do tapa na cara.

A fome era tanta que uma sensação diferente lhe era até um alívio. Fazia ele se sentir mais vivo.

Continuou andando.

Mais adiante só havia gente bonita.

Mulheres de uma beleza como nunca imaginou que existisse andavam de um lado para outro.

Via carros cuja beleza e luxo o fazia até esquecer da fome por alguns momentos...

Mas depois, a pergunta voltava a lhe atormentar:

-E a comida? Onde era o bolo?

Avanço mais um pouco e viu mais uma mulher bonita. Conversava com um homem com cara de rico. Pareciam falar de alguma coisa importante, algo que não conseguia entender sobre o que era:

-Armando, você tem de ajeitar as coisas para que as terras onde a usina vai ser construída fique isenta de impostos. Dê a idéia de um incentivo para aquela área. Invente alguma coisa...

-Se for só pelos impostos não teremos problemas. Podemos criar uma Lei que beneficie a região isentando-a de impostos. Só que tem que molhar a mão do pessoal da Receita. Eles não vão dar presente de graça!

A mulher era bonita mesmo!

Poucas vezes vira uma assim.

Dava a sensação de que se podia confiar nela.

Sua pele era branca, os cabelos louros, seus olhos enormes e brilhantes.

Com aquelas roupas claras, parecia até uma fada.

Aproximou-se dela e repetiu o manjado e conhecido pedido:

- Me dá uma esmola?

-Meu Deus, Armando! De onde saiu essa coisa? Olha a boca dele: está cheia de terra. Ai! Solta o meu vestido novo. Este eu comprei em Paris. Pare! Não pise nos meus sapatos! Eles são de Roma.

Pela segunda vez no dia, o menino levou um tapão na cara, desta vez, para equilibrar, do outro lado do rosto.

-Sai daqui, moleque. - Gritou o gravatinha.

Dessa vez, além das bochechas vermelhas, o garoto ficou meio tonto.

Já não conseguia pronunciar nada direito e caiu de joelhos.

Nessa posição, olhares chiques de repugnância e nojo convergiram na sua direção.

Levantou-se com muito esforço e ainda abobalhado prosseguiu na caminhada.

Viu a seguir, um bando de caras esquisitos com bugigangas nas mãos e foi saber o que era.

Olhou, olhou mas não sacou que aquele bando de pirados eram jornalistas.

Deu meia volta. Naquele meio não acharia comida.

Aqueles tipos tinham mais cara de mortos de fome do que ele.

De-repente, ouviu um grito:

-Olha alí moçada!

O bando de doidões o cercou e começou a perguntar coisas que não entendia:

-Você acha que a questão do armamento nuclear deve ser abordado na Constituinte?

-O que pensa do voto feminino?

-Por-que está aqui?

O cérebro do garoto já não funcionava direito devido à fome. Com olhos parados no ar e, andando a esmo, só conseguia dizer uma coisa:

-Comida... Comida...

Então, do meio da multidão, surge com ares de Salvador, o homem que lhe dera o último tapa e a mulher bonita com quem conversava.

Ele o abraçou como um pai faria com seu filho na frente de todos e ainda tinha um grande sorriso no rosto.

No íntimo, o pensamento que expressava seu verdadeiro sentimento diante daquela situação era:

-Terei de mandar queimar este terno. Paciência o meu costureiro francês deve ter ainda minhas medidas desde a última vez que o visitei. Só espero não ter engordado demais.

Para a imprensa ali presente, num momento em que podia aparecer em toda a mídia externou através de discursos algo bem diferente do que pensava:

-Senhoras e senhores:

Depois da Constituição efetivamente instituída no país, teremos um governo onde acabaremos com a miséria, a corrupção, a desonestidade e a fome. Viveremos numa democracia e todos nesse país terão uma vida digna de paz e alegria, esquecendo assim, os infortúnios pelos quais passamos durante a Ditadura Militar.

O aproveitador conduziu então o garoto até uma barraca de cachorro quente e disse:

-Coma à vontade, meu filho. Você representa o futuro da Nação...

O menino comeu mesmo.

Tanto, que parecia que esta seria a última vez na sua vida que veria uma refeição que lhe matasse a fome.

Flashes zuniam e luzes pipocavam incessantemente ao seu redor.

Fotos dele foram tiradas de todos os ângulos possíveis.

Era ele comendo, ele com o espertalhão que lhe pagava o lanche naquele momento, os dois abraçados, as senhoras bonitas sorrindo ao seu redor, mais tarde, tanto o presidente da nação bem como o do Congresso apareceram para sorrir e serem fotografados ao seu lado.

Quando ele deixou de ser a sensação da festa, alguns seguranças discretamente retiraram-no do local deixando-o no lado oposto da cidade e, em seguida, montaram um cordão de segurança impedindo que qualquer pessoa com cara de morto de fome não se aproximasse do local dentro de um raio de dois quilômetros.

Mais tarde, uma das grandes emissoras encerrava assim as transmissões de seu programa jornalístico:

-Com fé na Constituinte, desta vez tudo vai dar certo

A Constituinte, entre outras coisas foi a Comissão de Congressistas que, em plenário, estudou, discutiu e aprovou a atual Constituição Brasileira que rege o nosso ordenamento jurídico.

À época, que escrevi este trabalho, (lá pelos idos de 1988), absolutamente tudo que os ilustres Deputados e Senadores fazia era motivo para estardalhaço e profunda análise.

Que influencias cada um destes atos poderia ter na Constituição que naquele momento era criada?

Como sempre ocorre e ocorreu no Brasil, à época, o clima que os respeitáveis políticos davam à sua obra era de que estava sendo elaborada a mais justa, completa e perfeita Constituição de todos os tempos no universo inteiro.

Hoje, no momento em que revisei este trabalho, (2007), exposta à luz dos fatos que até o momento ocorreram, ocorrem e ainda irão ocorrer, percebe-se que a Suprema Lei Brasileira além de se distanciar dos principais objetivos e falhar com alguns de seus ideais é rotineiramente desrespeitada e vilipendiada, o que para a grande maioria dos brasileiros, quer dizer que, com Ela ou sem Ela, quase nada mudou.
